

14R00010

AMBIENTE

Erosão ameaça espécies do Pantanal

Assoreamento de rios, agrotóxicos, garimpos e pesca predatória são os sintomas da agonia de uma das mais belas regiões do País

ULISSES CAPOZOLI



Considerado patrimônio nacional pela Constituição de 1988, o Pantanal do Mato Grosso, uma das mais belas regiões brasileiras, está ameaçado em várias frentes: o assoreamento dos rios provocado pelas erosões no Planalto Central, o mercúrio do garimpo, o agrotóxico misturado às terras despreendidas que escurecem os rios e a captura predatória de peixes. Por trás dos acidentes ambientais está o desmatamento de homens, mulheres e crianças e a dissolução de um universo que permaneceu fechado nos últimos 200 anos.

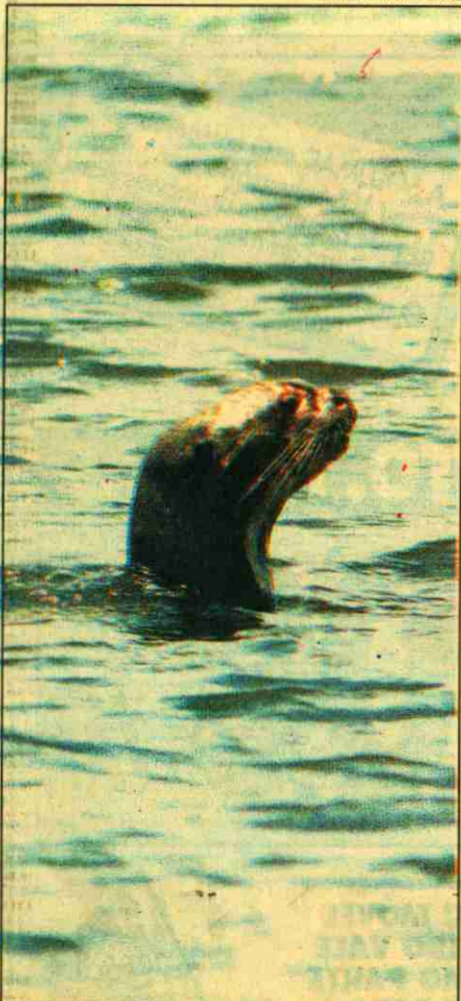
O Pantanal tem 80% de sua área, 140 mil quilômetros, equivalente à superfície do Ceará, em território brasileiro. Ele começou a nascer há uns 120 milhões de anos pelo choque de duas placas tectônicas. As placas são porções fendidas da crosta terrestre deslocando-se umas em relação a outras como enormes jangadas. A placa sul-americana deriva para oeste à velocidade de poucos centímetros ao ano. A placa de Nazca faz rota inversa à mesma velocidade. No choque, ela mergulha sob a placa sul-americana levantando sua borda ocidental. Desse levantamento nasceu no passado a Cordilheira dos Andes.

Vertedouro — O levantamento dos Andes a oeste e a existência mais antiga do Planalto Central a leste criou um enorme vertedouro de águas que ao longo do tempo foi quase todo coberto. Rochas desgastadas pelas intempéries, terras arrastadas, restos vegetais e animais cobriram o enorme vale. Em algumas áreas do Pantanal, uma grande planície com inundações de dezembro a março, esses entulhos geológicos, que os geógrafos chamam de sedimentos, atingem mais de 500 metros de profundidade.

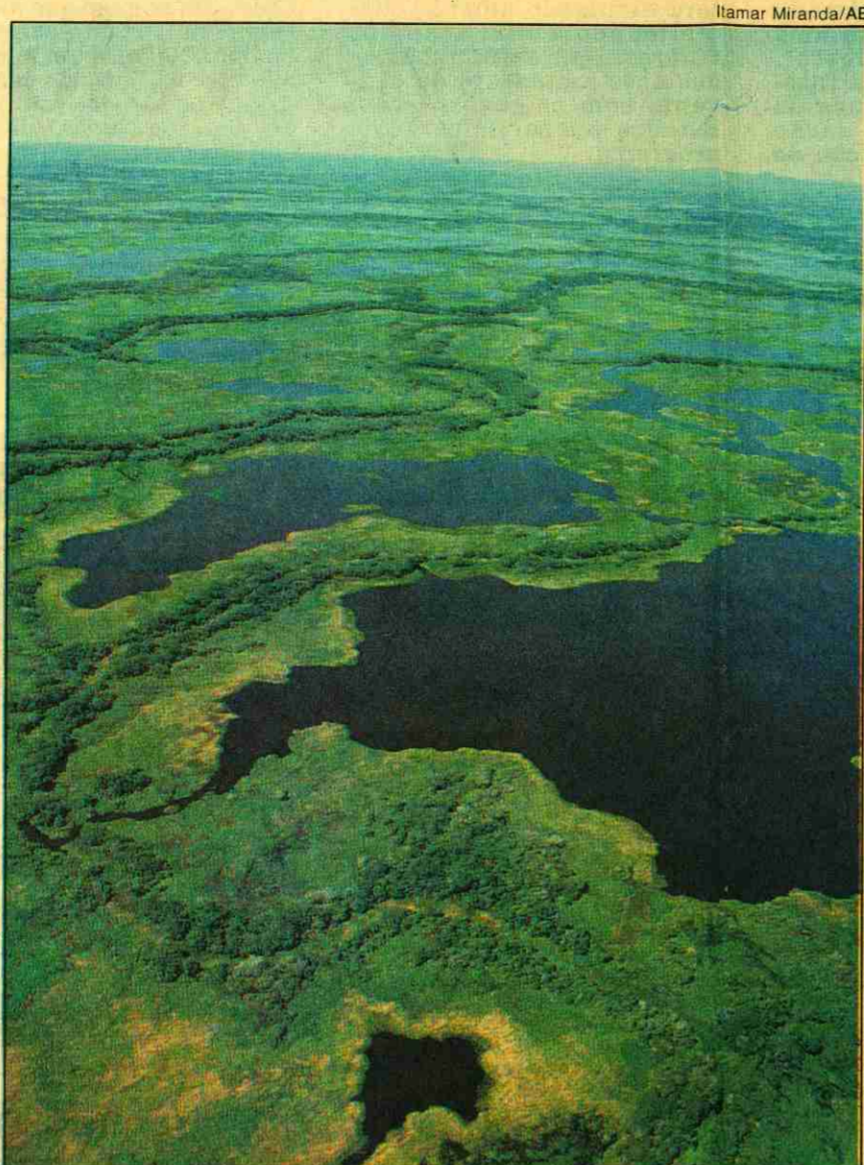
A planície pantaneira tem um desnível mínimo. A maior parte dos levantamentos indica inclinação entre 5 a 15 centímetros por quilômetro na direção leste-oeste e 1 a 5 centímetros no rumo norte-sul. A planura do Pantanal, do ponto de vista geológico, é indicativo de uma tendência de estabilização. Há duas décadas, no entanto, a intervenção humana vem produzindo um efeito que a Natureza não faria em séculos: o assoreamento dos rios, que drenam as águas da região para o Rio Paraguai e daí para o Prata, que desemboca no Atlântico.

O assoreamento rápido dos rios, segundo o agrônomo Osni Correia de Souza, é consequência da erosão provocada nas terras desprotegidas e instáveis do leste, no Planalto Central, em Goiás e vizinhanças. Ali, nos anos 70, o presidente Emílio Garrastazu Médici sonhou em criar um celeiro para o mundo: soja, trigo, milho e outros alimentos. A tope de caixa, como era a norma da época, a região foi ocupada por agricultores das várias regiões do País, especialmente do Sul, desinformados do ambiente local. As erosões e outras perdas do solo começaram a ocorrer. Durante certo tempo foram negligenciadas, depois tornaram-se evidentes. Hoje, são irreversíveis.

Itamar Miranda/AE



Vivendo perigosamente
Ariranha nada no Rio Piquiri: fauna ameaçada



Itamar Miranda/AE

Paraíso ameaçado
Rio São Lourenço serpenteia a planície pantaneira, que começou a ser formada há 120 milhões de anos



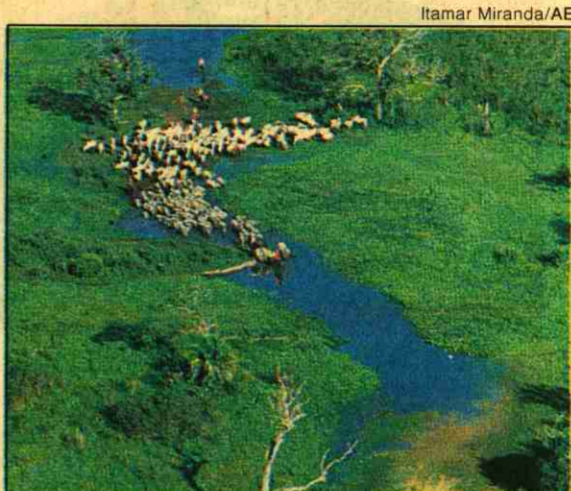
Itamar Miranda/AE

Pescador sem histórias
Moradores da região pescam no Rio Piquiri: má sorte na pescaria atribuída ao nível elevado das águas



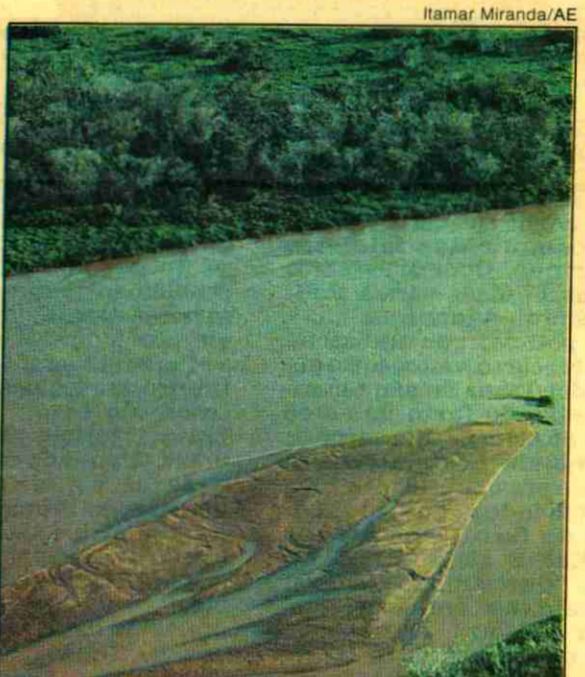
Itamar Miranda/AE

No improviso
'Pistas' de pouso não passam de pastagens próximas de rios



Itamar Miranda/AE

Engolido pela terra
Bois na margem do Taquari: sangria de terra destruiu fazendas e leito do rio



Itamar Miranda/AE

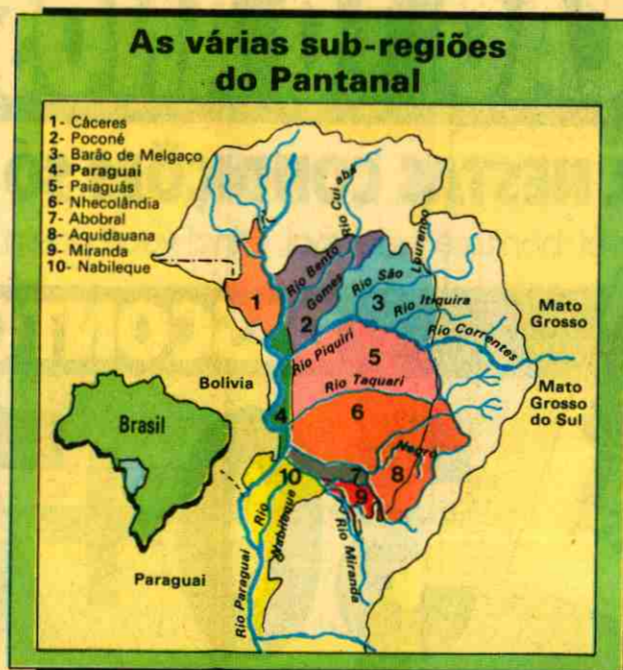
Barreira natural
Assoreamento do Rio Taquari: processo pode ser detido com US\$ 500 mil

Empréstimo do Bird pode evitar desastre

Osni Correia de Souza é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Pantanal. Seu sonho é ter nas mãos US\$ 500 mil (cerca de Cr\$ 13,5 bilhões), recursos com que acredita poder estancar a sangria de terras do Planalto em direção aos rios pantaneiros como o São Lourenço, Correntes e especialmente o Taquari. No ano passado, às vésperas de conseguir o empréstimo com o Banco Mundial (Bird), Souza viu suas esperanças irem por água abaixo com o impedimento do ex-presidente Collor. As negociações recomeçaram este ano, e o pesquisador não sabe quando terminará.

Souza não pensa em reverter o processo. Nenhum equipamento seria capaz de retirar o volume de terra que destruiu o leito de muitos rios, impediu a navegação, afetou a fauna, inundou e comprometeu fazendas. Tudo o que pode ser feito de imediato, diz ele, "é estancar a erosão lá em cima e ir cuidando dos pontos mais críticos aqui em baixo." Em terra, na superfície dos rios que mudaram de cor ou a bordo de um avião da Polícia Florestal pode-se ver as proporções alarmantes do desastre.

Na região de Nhecolândia, por exemplo, próxima ao Rio Miranda — conhecido no passado recente pela abundância de peixes —, Irineu Gross, proprietário da fazenda Santa Cruz, está desanimado. Dos 16 mil hectares de suas terras, 15 mil estão sob as águas desde o início das cheias, em dezembro. Há 10 anos, quando trocou o Rio Grande do Sul pelo Pantanal, a situação era dife-



rente. Por isso, ele resiste em pagar os impostos que taxam a área como se fosse toda livre para o gado.

No aeroporto de Corumbá, a capital do Pantanal, o fazendeiro relata que o assoreamento dos rios que cortam a Santa Cruz além de dificultar as pastagens também extinguiu espécies de peixes e tornou impossível a navegação, mesmo a de pequeno calado. As perdas se superpõem. Sem pastagens

não há gado, comida e empregos. Sem peixes não há pesca e renda. Sem navegação o isolamento do Pantanal, que já é grande, fica pior.

No encontro dos Rios Itiquira, Correntes e Piquiri, na região de Barão de Melgaço, uma das dez sub-regiões em que se divide o Pantanal, um grupo de homens que o ex-presidente Collor chamaria de "descamisados" também tem queixas.

Eles deixaram o Coxim, na periferia leste do Pantanal e navegaram duas semanas antes de acamparem nas margens do Piquiri. Viajam em três barcos de pequeno porte arrastando algumas canoas. Um dos barcos tem a caixa de câmbio avariada e um pescador está com o olho esquerdo infeccionado.

Os homens, alguns tornados pescadores pela falta de alternativa, atribuem a má sorte na pesca ao nível ainda elevado do rio e à tonalidade barrenta das suas águas em meados de março, quando as chuvas ainda caem pesadas na região. Não pegaram mais

que dois pacus e, por isso, além de lanças nativas e uma pequena porção de charque, têm como alimento básico uma sucuri de quatro metros que comem com espaguete e molho de tomate enlatado.

O líder do grupo, Antônio Franco, de Panorama, interior de São Paulo, pescava no Rio Paraná antes de se mudar para Coxim. Com os peixes rareando também nessa localidade que já foi o paraíso da pesca amadora, eles se aventuraram no alto Piquiri. Enfrentam problemas com os fazendeiros que os querem pelas costas e enviam a polícia em seu encalço, mas se abatem mais com as águas turvas do rio que dificultam a pesca.

Ladrão de gado — Também os fazendeiros têm razões para preocupação. Com a queda nas cotações do couro de jacaré e o desemprego crescente, quem não se refugia na pesca pode passar a ladrão de gado. Os roubos acontecem nas margens dos rios. Os ladrões abatem os bois, retiram a carne, atiram os ossos na água e deixam os prejuízos para trás.

O fazendeiro João Lutz, dono da enorme Santo Antônio do Paraíso, um triângulo formado pelo Correntes, Piquiri e as terras altas do oeste somando 120 mil hectares, está preocupado com o futuro. Vizinhos seus já tiveram gado roubado. As terras de Lutz abrangem representantes da rica flora e fauna do Pantanal, como os frondosos jatobás, onças pintadas, emas e veados campeiros, já ausentes de outras regiões do Brasil. (U.C.)